

A comunicação e mediação: propostas alternativas infantis em espaços artísticos expositivos

Communication and mediation: alternative proposals for children in artistic exhibition spaces

Sandra Regina Bastos¹, Francysmeyre Rodrigues Thompson²

Como citar esse artigo. BASTOS, S. R. THOMPSON, F. R. A comunicação e mediação: propostas alternativas infantis em espaços artísticos expositivos. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 2, p. 82-91, jun./ago. 2025.



Resumo

Por meio de uma revisão de literatura, este artigo propõe uma reflexão sobre as potencialidades de projetos expográficos que incorporam as infâncias em suas intenções. A comunicação, a mediação e a representação adequadas, aliadas a um discurso consistente sobre espaços expositivos, consolidam-se como importantes meios de interação com e entre as infâncias. Pensando a importância da composição expográfica em espaços expositivos, especialmente considerando as crianças como público-alvo, suscitamos a necessidade de propostas com alternativas direcionadas aos públicos infantis, que abarquem em seu escopo abordagens para além das práticas tradicionais de museus e galerias, adaptando o conteúdo e a forma de apresentação para torná-los mais acessíveis, interativos e inclusivos. Justificamos a relevância da arte para crianças pequenas como um meio de promover desenvolvimento integral. Dentro deste contexto das artes, educação e infâncias, as conclusões indicam que a formação cultural inserida no processo de constituição das crianças, é uma possibilidade de contribuir para que as crianças pequenas possam habitar o museu de arte.

Palavras-chave: Comunicação; Exposição; Infantil; Educacional; Ludicidade Alternativas.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Through a literature review, this article proposes a reflection on the potential of exhibition design projects that intentionally incorporate childhoods. Effective communication, mediation, and representation, combined with a consistent discourse on exhibition spaces, are consolidated as important means of interaction with and among children. Considering the importance of exhibition design in display spaces, especially when children are the target audience, we highlight the need for proposals offering alternatives specifically aimed at young audiences. These proposals should go beyond traditional museum and gallery practices, adapting content and presentation formats to make them more accessible, interactive, and inclusive. We justify the relevance of art for young children as a means of promoting their holistic development. Within the context of arts, education, and childhood, the conclusions indicate that integrating cultural formation into the process of children's development offers a significant opportunity for young children to meaningfully inhabit art museums.

Keywords: Communication; Exhibition; Children's; Educational; Playfulness.

Afiliação dos autores:

¹Mestra do Programa de Pós-Graduação em Interartes [Linha 2 de pesquisa Artes e Mídias digitais] da Universidade Federal do Espírito Santo, Professora da Pós Graduação Arquitetura em Saúde da faculdade de Medicina Emescam, Arte Educadora, Prof. Especialista de Artes da Escola Monteiro Vitoria, E. Santo, pós graduada em Docência do Ensino Superior, Pedagoga, Designer de Interiores e matriculada Doutorado em Artes da Ufes (aluna Especial), Espírito Santo, Brasil.

²Mestra do Programa de Pós-Graduação em Artes, professora de Arte na Educação Infantil, membro do grupo de Extensão e Pesquisa em Criatividade, Educação e Arte (GEPCEAR-UFES), Espírito Santo, Brasil.

E-mail de correspondência: sandrabastos65@gmail.com

Recebido em: 22/09/2024. Aceito em: 21/03/2025.

Introdução

A presente pesquisa aborda a criatividade, como viés metodológico na práxis de professores arte-educadores na Educação Infantil. Buscando entender a presença da criatividade nas práticas artísticas educativas neste segmento da Educação Básica, através de mediações do professor arte-educador, elas promovem ou inibem um ambiente criativo. Ressaltamos o papel da Arte na educação de crianças pequenas como um meio de promover a expressão individual. Também a complexidade de relacionar o desenvolvimento da criança com estímulos criativos, mas enfatiza-se a importância de compreender a dinâmica geral do processo arte-educacional.

O caminho metodológico, inserido no campo da educação, das artes e museologia, seguiu uma linha de investigação bibliográfica, considerando a criança como um agente social ativo. Investiga-se as concepções sobre criatividade nas propostas expográficas e sua aplicação prática. As conclusões obtidas apontam que, uma formação cultural associada aos métodos criativos, fomentam um ambiente formativo holístico, estimulando as crianças em sua criatividade e relação de pertencimento aos espaços culturais.

No contexto de exposições voltadas para o público infantil, a **comunicação** precisa ser clara, envolvente e adaptada ao nível de entendimento das crianças. É necessário usar uma linguagem simples e direta, evitando termos técnicos ou complexos, considerando o caráter sensorial que afetam os pequenos. Além disso, a comunicação não deve se limitar ao verbal; é importante incorporar elementos visuais e interativos que falem diretamente com o universo infantil. Tal dinâmica pode incluir imagens, vídeos, jogos e outras formas de mídia que captam a atenção das crianças e facilitam o entendimento dos temas abordados.

A **mediação** educativa é um fator-chave para garantir que as crianças não apenas compreendam o que está sendo exposto, mas também se sintam envolvidas nos processos de pertencimento cultural e também de aprendizagem. “Como diz Benjamin, museus são casas que suscitam sonhos e, assim, lugares de encantamento”, se configurando então como “[...] possibilidade de provocar os sentidos e favorecer as descobertas” (Leite, 2013). Os mediadores, muitas vezes educadores ou guias, desempenham o papel de facilitar a conexão entre o conteúdo expositivo e o público infantil, utilizando métodos pedagógicos que incentivam a curiosidade e o questionamento. O que significa providenciar experiências diversas às infâncias nos museus. Sessões de contação de histórias, atividades lúdicas e oficinas práticas são exemplos de ferramentas que podem ser usadas para mediar o conteúdo de forma eficaz.

Quando se trata de propostas expositivas para crianças, a **representação** precisa considerar não apenas os temas e personagens apresentados, mas também as formas como esses elementos são mostrados. É importante garantir a diversidade de perspectivas, refletindo diferentes culturas, etnias, gêneros e realidades sociais, de modo que todas as crianças possam se ver representadas nas exposições, uma vez que a “experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que experimenta, que se prova” (LARROSA, 2002, p. 25). A representação deve ser inclusiva e respeitar as diversas formas de vivência infantil, garantindo que o espaço expositivo não reforce estereótipos ou exclusões.

Analisamos os dados colhidos tendo em vista a importância da observação, da escuta e das relações em práticas inspiradas em ambientes de participação, dentro e fora de sala de aula, bem como a valorização das ideias, expressas por meio da diversidade de criações de cada aluno e de forma coletiva, assim como pelo comportamento.

Propostas alternativas

Tratando das propostas alternativas para crianças em espaços expositivos elencamos algumas experiências imersivas e participativas. Para Roberts (2015) “este é o maior desafio de todos – criar novos modelos de prática, quando ainda estamos amarrados a velhos hábitos mentais” (Roberts, 2015, p. 3). O primeiro exemplo são as **Exposições Interativas** que permitem que as crianças toquem, experimentem e interajam com os objetos e temas, ao invés de apenas observá-los passivamente.

O uso de tecnologia, como realidade aumentada e virtual, também pode tornar a experiência mais envolvente. O segundo exemplo são as **Atividades Práticas** com a criação de espaços dentro da exposição onde as crianças possam participar de atividades práticas relacionadas ao tema, como oficinas de arte, experimentos científicos ou construção de objetos.

O terceiro exemplo são as **Narrativas Inclusivas** que abordam temas de inclusão e diversidade, garantindo que todas as crianças possam se sentir representadas e reconhecidas nas histórias contadas. O quarto exemplo seriam os **Espaços de Reflexão** que consistem na criação de áreas onde as crianças possam refletir e expressar suas ideias e sentimentos sobre o que veem, seja através de desenhos, escrita ou discussões em grupo. Para que então, tais propostas ocorram nos espaços expositivos, Leite (2013) defende rever, principalmente, as formas de comunicação que para acolher o público infantil de forma qualitativa. Assim podemos citar a **abordagem Reggio Emilia** com a obra-chave: *The Hundred Languages of Children* (2016) Loris Malaguzzi e Carolyn Edwards (org.) que traz uma contribuição sobre a influência em espaços que valorizam a escuta da criança, o protagonismo infantil e o ambiente como “terceiro educador”. Um exemplo dessa proposta são exposições que partem das expressões infantis (desenhos, falas, construções) como conteúdos curatoriais. Outra proposta é a Arte Contemporânea Interativa apresentada na obra de Nicolas Bourriaud, *“Relational Aesthetics”* (2009) cuja contribuição se fundamenta em propostas que valorizam a interação e o público como parte da obra. Um exemplo de aplicação são as Instalações participativas como as do artista Ernesto Neto, que podem ser atravessadas, tocadas e vivenciadas com o corpo inteiro. Um terceiro exemplo de proposta em espaços expositivos, é apresentada pela autora Nina Simon, com a obra *“The Participatory Museum”* (2010) que trata do Design de Experiências Imersivas e Sensoriais e a contribuição é propor estratégias práticas para tornar museus espaços mais abertos à participação ativa dos públicos. Um exemplo de aplicação, são as Exposições com ambientes sensoriais, realidade aumentada ou estações interativas para experimentação. Uma quarta proposta alternativa também é apresentada por Mario Chagas com a obra *“Museu, Memória e Cidadania”* (2003) com a contribuição de ampliar o conceito de Museu como espaço de diálogo, de mediação crítica e de construção coletiva do saber. Sua obra trata da Museologia social e educativa e um exemplo de aplicação são os Projetos como o Museu da Pessoa ou exposições cocriadas com crianças e comunidades.

Essas alternativas visam transformar a visita ao espaço expositivo em uma experiência ativa de aprendizagem e descoberta, que respeite as particularidades do público infantil, ao mesmo tempo em que promove a educação e o desenvolvimento cultural de forma divertida e significativa. Em paralelo, também precisamos prever exposições das produções no decorrer do ano e portfólio individual, a fim de que as crianças vivenciem suas próprias produções e as associem como produtos de suas vivências. (Simon, 2010)

Quando tratamos de Educação Infantil, a mediação cultural deve ser uma ação conjunta entre o professor de Arte e os profissionais do museu, tendo assim, um olhar mais cuidadoso no planejamento de suas práticas passando a ser um desafio. A experiência das crianças neste espaço cultural é significativa, pois elas se envolvem com o ambiente e as obras, relacionando subjetivamente com o projeto de sala de aula. Diante de experiências e vivências com alunos em visitas como estudo do meio, essa integração do projeto com o espaço expositivo, seja galerias, museus ou exposições virtuais, expõe informações para as pesquisas sobre determinado assunto ou artista, em continuidade com a proposta da realização de oficinas para produção artística.

Quando falamos de propostas alternativas em espaços expositivos, todas as obras de arte parecem muito diferentes quando reconcebidas com a distinção entre mídia (impressão) e artes plásticas. A Mídia então, modifica uma produção cultural tradicional das artes para a categoria de comunicação de massa e sabemos que alguns formatos de apresentação da obra de arte, dito “populares” estão fadados ao insucesso por serem uma ideia falsa de arte. Essa problemática é, claro, está dentro do discurso do modernismo e, em parte, constitui complexo para debater, discutir e para julgar. (Adorno, Theodor W.; Horkheimer, 1985). Esse artigo teve como propósito transmitir e consolidar experiências artísticas no contexto infantil, promovendo a criatividade e a sensibilidade estética em crianças de 4 a 10 anos. A pesquisa buscou desenvolver estratégias de mediação que integrem propostas alternativas às práticas tradicionais,

explorando abordagens sensoriais, interativas e imersivas. Essas metodologias aplicadas em museus, salas de aula e escolas, adaptam a didática artística ao contexto específico de cada espaço. Observamos como professoras mediadoras, que em museus, a mediação dialoga com o acervo, estimulando a participação ativa das crianças por meio de atividades lúdicas e exploratórias. Já nas escolas, as práticas envolveriam experimentações com materiais diversos, incentivando a expressão individual e coletiva.

A proposta visou tornar a arte mais acessível e significativa, criando conexões entre as crianças e o universo artístico. Baseando na ideia fundamentada na expressão artística segundo uma postura de intervenção, nosso objetivo ao fazer uma visita externa como estudo do meio foi potencializar a criatividade e a imaginação dos alunos por meio da expressão livre, sem limitações impostas pelo professor. Neste caminho as expressões artísticas estão estreitamente relacionadas à vida social, favorecem a criação de vínculos afetivos e de confiança, facilitam a comunicação e contribuem de forma poderosa para conhecer o mundo e a reconstruí-lo de acordo com os processos simbólicos e imaginativos.

Ao problematizar o Ensino de Arte, Barbosa (2008), por exemplo, propõe uma unidade cultural resultante do relacionamento dialético entre dois campos ideologicamente diversos, Arte e Educação. Em cada visita, ocorrem trocas simbólicas entre os que fazem, pensam e aprendem Arte nas escolas e na sociedade e em virtude de sua função cultural e social, a Arte, de fato, passa a ser entendida como dinamizadora dos processos criativos e simbólicos que servem não apenas para ordenar a realidade, mas também para modificá-la — e, por meio dela, se compreender o mundo, as relações humanas e a si mesmo em constante transformação.

No âmbito da Educação Infantil, defendemos ativamente a ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças, lutando para que se efetive como um objetivo conquistado. Para tanto, “para se estimular a expressão criativa na escola, [...] é necessário preparar o indivíduo para pensar e agir de forma criativa, bem como planejar intervenções nesses contextos a fim de estabelecer condições favoráveis ao desenvolvimento da criatividade” (Alencar; Fleith, 2003, p. 7).

Desta maneira, precisamos que os professores conheçam as teorias e os métodos criativos para embasar suas práticas pedagógicas. “Aprender a exercer a pluralidade dos sentidos e a descobrir diferentes caminhos de observar o mundo é um dos maiores desafios de nossos educadores” (Friedmann, 2005, p. 105). Na medida em que compreendemos as produções criativas das crianças como legítimas, podemos analisá-las como expressões culturais geracionais formadas no/pelo diálogo mediado com a cultura mais ampla. Wechsler (2001) aponta que a criatividade, como tema e como vivência, é de bastante relevância nas proposições constitutivas das escolas. Ainda que possa ser tratada com flexibilidade no currículo, no cotidiano da sala de aula o professor não tem, de modo geral, familiaridade em estimular a criatividade dos alunos.

Não obstante, a importância da criatividade no domínio educacional, Alencar e Fleith (2003) sustentam que persistem elementos que complicam e, por vezes, inibem o desenvolvimento e a manifestação da capacidade de criar, como exemplo, a utilização de ferramentas baseadas na reprodução do conhecimento e na memorização de conteúdos, a indicação de uma única resposta correta para uma questão e a pouca valorização ou estímulo à imaginação e à fantasia. Para maior acervo do repositório infantil é preciso também, fazer pesquisas com crianças e considerar sua significação de mundo por meio das linguagens.

É importante considerar, que a proposta de promover a criatividade na escola não visa produzir pequenos gênios, renunciando à infância em detrimento de produtos. Mas de acordo com Sanmartin (2021), busca instigar e desenvolver o potencial criativo de cada um para ensiná-lo a ser curioso, acreditar em si mesmo e nas próprias ideias para agir com autonomia e autoria.

Faz-se necessário, que a escola assuma a criatividade, como um caminho de reconciliação, com o encanto e entusiasmo dos alunos, proponente de experiências prazerosas e significativas, para estimular e desenvolver o potencial criativo que existe dentro de cada aluno. É fundamental derrubar as barreiras à expressão criativa, transformando a escola em um ambiente que forme cidadãos criativos para um mundo em constante mudança. Nesta pesquisa, temos por objeto a criatividade na práxis arte-educadora escolar

na Educação Infantil. E buscamos investigar a seguinte questão: “a presença da criatividade nas práticas artísticas educativas, propostas e mediadas pelo professor arte-educador promove ou inibe um ambiente criativo”.

Para tanto, o estudo se configura como qualitativo (Gil, 2002), e busca elaborar, com base em literatura especializada e em observações diretas do contexto da Educação Infantil, reflexões acerca da presença da criatividade nas aulas de Arte. Para estruturação dos registros de campo, nos respaldamos nos indicadores de criatividade (IC) elaborados por Neves-Pereira; Branco (2015).

Os espaços expositivos e a tecnologia

É importante destacar que um espaço expositivo, aqui descrito ou “o museu não é lugar de ensinar a cultura, mas sim, lugar de cultura (Kramer, 2007, p. 210). Ainda considerando as palavras do autor que afirma que: “o museu é instância educacional autônoma” os professores de artes na prática pedagógica, precisam considerar o espaço expositivo como um instrumento educativo que oferece inúmeras possibilidades.

Dessa forma, entendemos a representação artística oferecida dentro desses espaços, como uma narrativa que evoca memórias, restaura o passado e incorpora novas imagens, enriquecendo o acervo cultural das crianças. Baseado em Leite (2013) entendemos que o trabalho artístico de uma criança é uma resignificação: “é com fantasia e o imaginário que a criança se relaciona com o mundo no qual está inserida, assim como atribui significa que a crecam” (Leite, 2013, p. 9). Observamos como profissionais da arte educação, que museus e os variados tipos de espaços expositivos foram resignificados, pois não mais se restringem a guarda de objetos e obras de arte deixando de ser um lugar distante, apenas para pessoas envolvidas nas áreas artísticas e passou a estar mais próximo e viável para todos visitarem. A presença da mídia no ambiente comunicativo da modernidade levou o conceito de espaço expositivo à um campo das artes que pode ser explorado quando tratamos do mundo infantil.

Ainda assim, a transposição da obra de arte física para a arte virtual, não cancela a necessidade de um reconhecimento teórico a partir de uma reflexão sobre os dois processos, entendendo todas as possibilidades que a tecnologia trouxe e vem trazendo para o mundo das artes.

A arte fora de sala de aula

Então, qual a importância de levar crianças aos museus? Leite (2004) responde: “Buscar ir além na apreciação, buscar uma experiência estética significativa, relacionar aquilo que vê com o que já conhece, com seu cotidiano. Frequentar exposições amplia o repertório imagético-sonoro, visual, corporal de todos. Independente de gênero, etnia, credo, classe social ou idade, é parte de sua formação, sendo assim antes de tudo é um direito” (Leite, 2004, p. 51). Não podemos deixar de enfatizar que sendo um direito que a criança possui, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirmam que as crianças da Educação Infantil“(…) necessitam também ter acesso a espaços culturais diversificados: inserção em práticas culturais da comunidade, participação em apresentações musicais, teatrais, fotográficas e plásticas, visitas a bibliotecas, brinquedotecas, museus e monumentos, equipamentos públicos, parques, jardins” (MEC, 2009, p. 94). Mesmo como um direito da criança, percebemos que existe uma tensão sobre a presença deste público neste espaço. A “criança pequena é apresentada como o mais indesejado dos visitantes” (Carvalho, 2011, p. 77-90) e há um descontentamento assinalando uma distância entre o segmento da Educação infantil, a escola e os museus, galerias e exposições de arte.

Ainda segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais “Um currículo sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas através de diferentes linguagens” (MEC, p. 15-2009a).

O aluno representa e ressignifica não apenas seu contexto em sala de aula como também as informações recebidas fora do ambiente escolar por meio das produções artísticas, visita aos museus, galerias, espaços artísticos expositivos em geral, assim como momentos simples do brincar, do jogar, do imaginar, todas elas dando significados próprios e coletivos. Na motivação para a brincadeira e para o jogo, a criança transforma o objeto dado pelo adulto em brinquedo ou dada situação em brincadeira por meio da imaginação.

Assim, a criança se apropria do que lhe é oferecido, ou muitas vezes imposto, ressignificando esse elemento (Orofino; Santin, 2022). Até mesmo ao brincar, a criança constrói seus espaços culturais, segundo Fantin (2008). É a partir das vivências fora de sala de aula, podemos ressignificar o conceito das aulas de artes para nossos alunos.

A arte faz surgir e/ou acentua na experiência a qualidade de ser como um todo estrutural” (Barbosa, 2008, p. 158). Sobre essa temática, declara Dewey:

A arte é uma qualidade que permeia a experiência; não é, a não ser em sentido figurado, a experiência em si. A experiência estética é sempre mais do que estética. Nela, um corpo de materiais e significado que em si não são estéticos torna-se estético, ao entrar em um movimento ordeiro e ritmado para a consumação. O material em si é largamente humano [...]. O material da experiência estética é uma manifestação, um registro e uma celebração da vida de uma civilização, um meio para promover seu desenvolvimento, e também o juízo supremo sobre a qualidade dessa civilização. Isso porque, embora ela seja produzida e desfrutada por indivíduos, esses indivíduos são como são, no conteúdo de sua experiência, por causa das culturas de que participam (Dewey, 2010, p. 551).

Estando em espaços artísticos, a representação das obras para as crianças, independente da sua relação com o meio, dirige a atenção para as características e qualidades materiais e formais de diferentes tipos de produções artísticas, ficando apenas em segundo lugar o objeto de representação. Para as crianças dentro de uma galeria de arte ou de um museu, todas as formas de interpretação é cultura, sejam elas definidas como arte (pintura) ou não-arte (gêneros informativos, jornais e assim por diante) ou algo intermediário (fotografia).

O sistema das artes plásticas passou por uma interferência ou transformação das novas mídias, estimulando o rápido desenvolvimento da comunicação infantil, levando ao uso de novos instrumentos para uso nas aulas de artes. As aulas de Educação Artística, em escolas onde atuei, em favor do princípio mais inclusivo da mediação buscava instauração das disciplinas artísticas com integração dos meios de comunicação e, principalmente, do aprofundamento teórico sobre o tema compreendendo que o estudo do meio dentro dos espaços expositivos faz com que o não comunicável seja comunicado

Importante refletir para propormos projetos que atendam às necessidades e às diferenças de cada criança, seja trabalhando coletivamente nas ações ou nas exposições das ideias. Nesse momento o acolhimento da opinião das crianças não descartando as sugestões, convida o corpo docente a pensar nas ações necessárias para montar um projeto que envolva escola e o espaço externo dentro de uma exposição, museu ou galeria de arte.

Nos projetos definidos poderemos conceber uma sequência de ideias, que nos servirão para construir projetos com as crianças fazendo parte de um plano de aula. Em outras palavras, o espaço expositivo, o museu e demais espaços culturais possibilitaram a ampliação e formação cultural de todos os alunos da Educação Infantil, proporcionando assim experiências significativas que afloram e intensificam a imaginação infantil. Essa vivência oferece interação com diversos estímulos visuais, auditivos, táteis, olfativos e, em alguns casos, gustativos. Esses espaços oferecem oportunidades para as crianças explorarem o mundo ao seu redor através dos sentidos, o que é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Alguns aspectos importantes da experiência sensorial das crianças em ambientes expositivos

são a estimulação visual e olfativa, a exploração tátil, a experiência auditiva, e a imersão multissensorial. Quando falamos de estimulação visual, valorizamos os ambientes das exposições, pois geralmente utilizam cores, formas e iluminação para capturar a atenção das crianças. Observamos durante as visitas, que obras de arte, objetos e exposições visuais podem despertar curiosidade e incentivar a observação detalhada. Espaços expositivos que adotam abordagens visuais dinâmicas, como o uso de projeções, vídeos ou instalações de arte, podem intensificar ainda mais essa experiência visual. Já a exploração tátil também é relevante, porque as crianças aprendem explorando o mundo ao seu redor com as mãos.

Espaços expositivos que permitem a interação com objetos, materiais e texturas tornam o aprendizado mais envolvente e concreto como por exemplo, modelos interativos, painéis sensíveis ao toque e objetos de diferentes texturas são especialmente atraentes para o público infantil. O som, também desempenha um papel importante no envolvimento sensorial das crianças, em espaços expositivos. Trilhas sonoras, narrações, efeitos sonoros e música podem criar uma atmosfera imersiva que complementa o conteúdo visual. Algumas exposições incluem elementos interativos, em que as crianças podem criar sons ou responder a estímulos sonoros, o que aumenta a imersão e a participação ativa. Embora menos comum, o uso de estímulos olfativos em exposições pode enriquecer a experiência sensorial das crianças. Aromas específicos podem ser associados a certas obras ou temas, ajudando a criar uma experiência mais completa e evocativa. Isso pode ser especialmente eficaz em exposições temáticas, como aquelas que abordam a natureza, a história ou diferentes culturas. Alguns espaços expositivos oferecem experiências imersivas que combinam múltiplos estímulos sensoriais, como o uso de realidade virtual, realidade aumentada ou instalações que envolvem todos os sentidos. Essas experiências multissensoriais permitem que as crianças se envolvam de maneira mais profunda com o conteúdo da exposição, tornando o aprendizado mais memorável e envolvente.

A estimulação sensorial em espaços expositivos é importante para o desenvolvimento infantil, pois ajuda a desenvolver a percepção sensorial fazendo com que elas aprendam a interpretar e a reagir a diferentes estímulos sensoriais. Também estimulam a criatividade pois se envolvem com diferentes formas de arte e exposições, assim como aprimoram habilidades motoras e cognitivas. Tocar, construir e manipular objetos dá suporte para o desenvolvimento motor e a compreensão espacial. Visitar exposições com meus alunos como estudo do meio e recurso didático, são ações que estimulam as emoções e sentimentos, ajudando na conexão com o conteúdo apresentado em sala de aula. A questão sensorial das crianças, em espaços expositivos é uma experiência vital que enriquece o aprendizado e o desenvolvimento, através da exploração ativa e envolvente de todos os sentidos.

Um dos grandes acertos das políticas públicas e demais documentos legais vigentes, que abordam os temas da Arte e da Educação, é justamente pensar as ações lúdicas e as manifestações artísticas como estratégias educativas, vide as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que define três princípios pedagógicos basais da Educação Infantil: éticos, políticos e estéticos. Estabelece o princípio estético como “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (Brasil, 2010, p. 16), cuja intenção é a de mobilizar recursos sociais, afetivos, emocionais e cognitivos das crianças, em busca de favorecer e promover o desenvolvimento de competências que lhes serão de grande valor ao longo de sua vida.

É por meio de múltiplas linguagens que as crianças se expressam, pontua Sarmiento (2004), para quem ainda há muita controvérsia sobre a relativa autonomia das culturas infantis: não em relação ao fato de as crianças produzirem suas próprias significações, mas sobre o quanto elas “[...] se estruturam e se consolidam em sistemas simbólicos relativamente padronizados, ainda que dinâmicos e heterogêneos, isto é, em culturas” (Sarmiento, 2004, p. 12).

A arte seria então um modo de integração mais natural das crianças, pois lhes permite integrar percepção e sentimento, fazendo-as pensar mais como o artista, que como o lógico. Se a criança aprende a organizar sua experiência mediante o sentido estético, diante de obras e produções artísticas, então é evidente que as aulas de Artes deveriam ter como proposta essa prática habitual.

Considerações finais

Entendemos assim, que levar as crianças para aulas de Artes em espaços expositivos, como museus e galerias, é uma prática que vai além do simples ensino de técnicas artísticas, mas uma experiência que proporciona uma série de benefícios para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, contribuindo de forma significativa para sua formação integral. Espaços expositivos oferecem um ambiente rico em estímulos visuais e sensoriais que inspiram e estimulam a criatividade das crianças. Ao interagir com obras de arte e exposições, elas podem desenvolver novas formas de ver o mundo, estimulando o pensamento crítico e a imaginação. A exposição a diferentes estilos e técnicas artísticas, também pode incentivar as crianças a experimentar e expressar suas próprias ideias de maneira original.

Essas aulas também permitem que as crianças tenham contato direto com diferentes culturas e tradições artísticas ampliando seus horizontes culturais e as ajuda a valorizar a diversidade e a pluralidade de expressões artísticas. Essa aproximação com o patrimônio cultural pode despertar um senso de pertencimento e respeito pelas artes, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados culturalmente.

Destacamos também o trabalho em grupo e o compartilhamento de ideias, promovendo habilidades sociais importantes, uma poderosa ferramenta para a expressão emocional. Ao criar e interpretar obras fora de sala, as crianças podem explorar e comunicar seus sentimentos, desenvolvendo uma maior inteligência emocional e autoconhecimento.

Desse modo, a Educação cria capacidades humanas inventivas e críticas para que a arte possa seguir sua trajetória histórica de revelar, mediante os estudos do meio e visitas técnicas, os estilos e as formas estéticas da pintura, escultura, música, dança, literatura e desenho, por exemplo, promovendo diversos entendimentos e sentimentos sobre a natureza e sobre sua própria existência no mundo.

Como a arte tem o potencial de se conectar com outras disciplinas, como história, ciência e matemática, nessas visitas externas as aulas podem incorporar elementos dessas outras áreas, oferecendo uma abordagem multidisciplinar que enriquece a aprendizagem das crianças. Por exemplo, uma exposição sobre Arte Moderna pode ensinar não apenas técnicas artísticas, mas também aspectos históricos, filosóficos e científicos daquela época. A educação para a Arte relaciona espaços educacionais não formais ao espaço formal puramente disciplinar da Arte, para desenvolvimento de todos aqueles conhecimentos, saberes e habilidades que tornaram possível uma prática sólida do trabalho artístico a médio ou longo prazo.

As exposições, mostras, teatro, apresentações de dança e música e todas as expressões de artes plásticas são pertinentes a esse campo como parte do plano de estudos escolar, com conteúdo que se encaminham ao aperfeiçoamento técnico e, para um desenvolvimento da dimensão disciplinar. Independentemente do fato de um estudante que tenha recebido esse tipo de formação ao ofício de artista ou não, este enfoque busca desenvolver estruturas e formas mecânicas estilísticas, cristalizadas na capacidade de produzir repertórios e conhecimentos estéticos em certo nível de profundidade.

Como ferramenta os alunos podem experimentar o processo criativo em ambientes imersivos, lúdicos e temáticos, nos quais poderão perceber que a Arte não é apenas uma atividade recreativa, mas também uma forma importante de conhecimento e expressão humana. Isso pode ajudar a consolidar o papel da arte em suas vidas, estimulando-as a continuar explorando e aprendendo por meio da criatividade. O amadurecimento da criatividade, bem como o aprimoramento do sujeito criativo, são inevitáveis mudanças e alterações estruturais e significativas na vida de uma criança, a partir da prática de aulas em galerias de arte.

Neste caminho, as expressões artísticas estão estreitamente relacionadas à vida social, favorecendo a criação de vínculos afetivos e de confiança, facilitando a comunicação e contribuindo de forma poderosa para que conheçam o mundo, reconstruindo-o de acordo com os processos simbólicos e imaginativos. Representa o fortalecimento de uma concepção cultural a partir do relacionamento dialético entre dois campos ideologicamente diversos, Arte e Educação. Dentro de uma galeria ou qualquer outro espaço

expositivo, a arte consegue se comunicar, baseada numa retórica: a criança vê e explora dentro do pequeno universo lúdico pessoal, por causa do poder de sedução que a obra de arte tem. Essa autonomia da criança sugere uma interpretação como fonte de conhecimento, seja pela presença física das obras ou pelo resultado de obras impressas e reproduzidas em imagens digitais.

Dessa forma, as aulas de Artes em espaços expositivos podem proporcionar uma experiência educativa completa e enriquecedora, que vai além do aprendizado técnico, envolvendo as crianças em uma jornada de descoberta cultural, social e emocional. Esses espaços oferecem um ambiente dinâmico e inspirador que potencializa o desenvolvimento global das crianças, preparando-as para enfrentar os desafios do futuro com criatividade e sensibilidade. Assim, também a arte fora de sala de aula se conecta a outros aspectos da vida, porquanto compõe a máxima do ser, que está presente no ato da criação ou da fruição do objeto criado. A sensibilização perceptiva é gradual e exploratória e, suas descobertas estão sob constante revisitação para confirmação, reapreciação, releitura e aprofundamento de compreensão.

Estar numa galeria de arte, museu, exposição ou outro ambiente artístico, a análise da imagética emerge como um meio de investigação para a compreensão da complexidade existente entre o espaço e suas significações por meio de informações representadas na imagem. Nesse sentido, é possível trazer luz às experiências vividas e percebidas pelos alunos. Este processo de mediar a arte, divide-se em duas partes: uma na qual a criança interioriza a sua realidade, se apropriando por meio de um exercício plástico, outra na qual os diferentes elementos dessa apropriação são integrados na sua compreensão da obra artística. Sua expressão plástica, a partir de uma visita, seja à uma galeria ou museu, ativa seu conhecimento e documenta suas emoções, logo podemos compreender a Educação em Arte funcionando como agente de catarse.

Experimentar arte sem julgá-la ou estereotipá-la é uma atitude que se percebe mais frequentemente entre as crianças, principalmente fora do ambiente natural de sala de aula. Em uma arte-educação contemporânea, mediar essas experimentações requer uma contextualização mais proximal, já que, por se mostrarem muitas vezes como sujeitos mais “livres”, abertos e espontâneos no contato com o mundo, em geral, e com a arte, em particular, o processo de aprendizagem das crianças, suas múltiplas linguagens e sua curiosidade “inerente”, é mais proveitoso contribuir para esta relação de aproximação com a arte de maneira menos “preconceituosa” e estereotipada.

Por ser multifatorial, para que a criatividade se desenvolva plenamente, é necessário práticas escolares que valorize a experimentação, como parte do processo de aprendizagem e a diversidade de perspectivas. Os alunos precisam estar didaticamente conectados com novidades, criações e as possibilidades da contemporaneidade. É preciso fomentar autonomia e autoria para pesquisarem com responsabilidade e curiosidade as ferramentas que surgem e somente poderão fazê-lo, uma vez que tenham acesso, contato e tempo de pesquisa e experimentação com esses materiais.

Em síntese, como um processo dinâmico, onde prevê liberdade de experimentações das linguagens das artes visuais de modo a relacionar conceitos, obras e artistas, estar em espaços expositivos durante as aulas de artes, podemos oferecer uma experiência educativa ampla e enriquecedora, que ultrapassa o simples ensino técnico, engajando as crianças em um processo de descoberta cultural, social e emocional. Esses ambientes dinâmicos e inspiradores promovem o desenvolvimento integral delas, capacitando-as a enfrentar os desafios futuros com maior potencial criativo e de sensibilidade, além de ser um método progressivo de Ensino de Arte no qual se estabelece a relação entre o potencial de criação artística da criança e seu desenvolvimento integral.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALENCAR, E. S.; FLEITH, D. Contribuições teóricas recentes ao estudo da Criatividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 1, jan./abr. 2003, p. 7. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0036j.html>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 158
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução de Fabrício Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CARVALHO, V. de. Dispositivos em evidência: a imagem como experiência em ambientes imersivos. *In*: FATORELLI, A.; BRUNO, Fernanda. **Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 77-90
- CHAGAS, Mário. **Museu, memória e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Arte/Educação, Infância e Cultura visual: Territórios da Docência e Pesquisa**. Porto Alegre: Zouk, 2023.
- DE LA TORRE, S. **Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa**. São Paulo: Madras, 2005
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016. (Tradução da edição original: *The Hundred Languages of Children*)
- FRIEDMANN, A. **O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- KRAMER, S. A infância e sua singularidade. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 158-210.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.
- LEITE, M. I. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 51-85, jan./abr. 2004.
- LEITE, Maria Isabel. **Museu Também é Lugar para Criança Pequena! Museu Iberê Camargo, 2013**. (Comunicação Oral)
- OROFINO, K. Z.; FANTIN, M. Crianças e arte contemporânea na escola e em espaços expositivos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 47, p. 1-22, 2022.
- ROBERTS, Lisa. Do conhecimento à narrativa e à... ação! Construindo narrativas nos museus de hoje. Estação Pinacoteca, 2015. (Comunicação Oral)
- SIMON, Nina. **The participatory museum**. Santa Cruz, CA: Museum 2.0, 2010. Disponível em: <http://www.participatorymuseum.org>. Acesso em: 25 abr. 2024